

A ESCOLA ITINERANTE DO MST: NOTAS PARA UM DEBATE¹

The MST's itinerant school: notes for a debate

Rosana Kostecki de Lima²

Margarida de Cássia Campos³

Resumo

No referido artigo discutiremos a pedagogia do Movimento Sem- Terra, com ênfase na ação da escola itinerante. Será apresentado a Pedagogia do Movimento e como a mesma contribui para as concepções das escolas do campo, mostrando que em uma escola do campo é fundamental o saber lutar e o saber construir ideologias e ações para um mundo mais solidário. É importante ressaltar também que o acampamento é um lugar do sonho, do conflito e da esperança, que dentre tantas outras dificuldades arrisca-se a construção de uma escola, com a finalidade de garantir o acesso a escolarização e a assimilação de conhecimentos pelos sujeitos do campo firmando a relação das famílias e a organização na comunidade, ampliando assim a consciência social e de classe dos acampados. Neste sentido, este artigo tem como objetivo debater as contribuições da pedagogia do MST, com destaque as ações das escolas itinerantes. Como caminho metodológico utilizamos levantamento bibliográfico, leitura e discussão dos textos com a orientadora e sistematização da redação final. Espera-se com esse ensaio ampliar o debate acerca dessa temática.

Palavra-chave: Escola Itinerante; Pedagogia do Movimento; Transformação Social

Abstract

In that article we will discuss the pedagogy of the Landless Movement, with emphasis on action itinerant school. Will be presented Pedagogy of Movement and how it contributes to the conceptions of rural schools, showing that in a field school is essential to know how to fight and knowing ideologies and actions to build a more united world. It is also important to emphasize that the camp is a place of dreams, of conflict and hope, who, among many other difficulties you risk building a school, in order to ensure access to schooling and the acquisition of knowledge by subjects field firming the relationship of families and the organization in the community, thus expanding the social and class consciousness of the campers. Thus, this article aims to discuss the contributions of the pedagogy of MST, highlighting the actions of itinerant schools. As a methodological way we use literature review and discussion of reading texts with the guiding and systematizing the final draft. It is hoped that this essay broaden the debate on this subject.

Keywords: Itinerant School; Pedagogy of the Movement; Social Transformation.

¹ Artigo resultante das pesquisas realizadas junto ao projeto de pesquisa: “Educação Geográfica nas escolas do campo no estado do Paraná”

² Graduanda em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina. Bolsista IC/UEL. E-mail: rosanakostecki@hotmail.com

³ Geógrafa. Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Adjunta A do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: mcassiacampos@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A Escola Itinerante garante o acesso aos conhecimentos que são produzidos historicamente, valorizando assim também os saberes dos sujeitos acampados partindo desde as imediações dos estudantes até a comunidade articulando-as junto ao movimento. Sendo assim os professores tem o papel de levar ao aluno do acampamento os ensinamentos da realidade, da luta do movimento e discutir a vivência que o mesmo experiencia na comunidade.

A Escola Itinerante junto à pedagogia do Movimento desenvolve uma educação voltada para os próprios acampados, para que eles sejam capazes de desenvolver transformações sociais e até mesmo saber fazer articulações entre o campo e a cidade. Já a Pedagogia tem o objetivo de cooperação na vida dos assentamentos e acampamentos, que parte dos ideais da Reforma Agrária um dos objetivos da luta, cooperação para o desenvolvimento do campo, disseminando a cultura do trabalho em conjunto acabando assim com o pensamento individualista e egocêntrico presentes nas relações de trabalho, que é essencial para a vida de um sujeito do campo.

Assim, o presente artigo tem como objetivo debater a pedagogia do Movimento Sem Terra focando nas concepções da Escola Itinerante e suas abordagens nas concepções de educação do campo.

A metodologia utilizada pautou-se na elaboração de um levantamento bibliográfico das temáticas discutidas, leituras e fichamentos das obras escolhidas, redação preliminar, correção da orientadora e a redação final.

PEDAGOGIA DO MOVIMENTO DOS SEM TERRA: EDUCANDO PARA A VIDA EM COMUNIDADE

Pedagogia significa a forma de como dirigir a formação de uma pessoa, e suas práticas são a educação, num processo de humanização das pessoas. Para o MST a forma de pensar no processo educativo é chamada Pedagogia do Movimento, com a intencionalidade de transformar a educação e formar os sujeitos sociais do campo.

Esse tipo de Pedagogia é essencialmente de cunho social, na qual leva consigo o sentimento de luta, de batalhas, conquistas e vitórias da luta de um povo com identidade que esta sempre em busca de novas mudanças. Carregando com cada educando as experiências de suas famílias, para que seja conteúdo de estudo aos mesmos, que apreendem tudo aquilo que os foi vivido e aprendido na luta. Acima de tudo sejam transformados em sua essência, com o sentimento de valorização de sua identidade, contestação social, inconformismo

diante de injustiças, e esperança de acreditar que os mesmos podem mudar sua realidade. (ARROYO et al. 2008).

No MST a pedagogia tem como ideal a cooperação entre vinda dos assentamentos e acampamentos, que parte dos ideais da Reforma Agrária um dos objetivos da luta, cooperação para o desenvolvimento do campo, pregando uma cultura em conjunto com os próprios sujeitos acabando com o pensamento individualista e egocêntrico presentes nas relações de trabalho. E o papel da escola é problematizar, construir e desconstruir valores, ajudado a enraizar a identidade do Sem Terra com o objetivo de suprir a necessidade de todos os alunos.

Historicamente, observamos que para manutenção de relações sociais e dominação com propósito de transformação social, nas escolas sempre foi encoberto por um ideal político. A escola em si sozinha nunca terá força de transformar nada, é conservadora em relação vinculo com as lutas sociais ao contrário da Pedagogia do Movimento com ideais libertários e humanizadores usam do próprio movimento para educar. É necessário transpor para essa escola que o aprendizado obtido nas escolas e nas vivencias, devem ser carregados de herança do passado transmitido para seus descendentes como algo de valor. (ARROYO et al. 2008).

Em relação ao coletivo dos professores que são chamados de (educadores do MST), os mesmos não podem ser qualquer pessoa da cidade, é indispensável que seja morador da comunidade, que experienciou as lutas, as conquistas, que presenciou toda uma realidade que pode ser contextualizada com atividades pedagógicas aos alunos. É preciso ter professores bem preparados, pois há uma necessidade de estrutura pedagógica inclusiva, o capitalismo no campo exclui a escola junto ao próprio trabalhador das cidades. (ARROYO et al. 2008).

É urgente rever essa cultura e estrutura seletiva e perguntar: Que estrutura escolar dará conta de um projeto de educação básica do campo? A estrutura que tenha a mesma lógica do movimento social, que seja inclusiva, democrática, igualitária, que trate com respeito e dignidade as crianças, jovens e adultos do campo, que não aumente a exclusão dos que já são tão excluídos. Tarefa urgentíssima para a construção da educação básica do campo: criar estruturas escolares inclusivas. (ARROYO, et al. 2008, p.86)

Assim é formada também uma equipe de educação no assentamento ou acampamento, envolvendo voluntários da comunidade, representantes de famílias, monitores de oficinas, que ajudam no desenvolvimento educacional dos sujeitos do campo em um ambiente educativo de escola. Para tudo isso é preciso ter tempo para organizar toda a pedagogia e o processo de aprendizagem neste contexto. (ARROYO et al. 2008).

As escolas do campo precisam estar sempre em movimento, movido por valores, lutas sociais e histórias, enriquecendo a aprendizagem a ser construído nas relações de mediação entre professores e alunos. E as relações sociais do ambiente em si precisam ser observadas, pois surgem contradições, desordens que carecem de uma solução, ajustando formas e conteúdos do processo pedagógico.

As lutas sociais do MST tem um projeto de enraizamento e que em toda história do movimento é possível se percebe-lo como parte de um processo pedagógico, colaborando neste sentido, os autores afirmam:

Enraizado é o sujeito que tem laços que permitem olhar tanto para trás como para frente. Ter projeto, por sua vez, é ir transformando estes pressentimentos de futuro em um horizonte pelo qual se trabalha e se luta. Não há, pois, como ter projeto sem raízes, porque são as raízes que nos permitem enxergar o horizonte. (ARROYO et al, 2008, p.116).

Portanto, se trata de um processo de formação de novos lutadores sociais, que a escola não tem o poder de enraizá-los como o movimento tem, e sim de ajudar na disseminação do ideal, respeitando a história dos alunos vinculando o aprendizado com a realidade do sujeito. Do contrário se a escola não os auxilia nesse enraizamento, é possível que ocorra um enfraquecimento de sua ideologia. Transformando-o em um desumanizado, fragilizado em seu ideal.

O MST utiliza algumas práticas educativas para fortalecer o processo de enraizamento dos sujeitos dentre elas podemos citar: a memória que trabalha com os alunos os relatos das antigas lutas dos familiares, as vivências, carregando consigo todo um sentimento de superação de batalhas de um passado sofrido, ao trabalhar a memória coletiva busca-se conhecer a história da humanidade. Também discute-se os valores constituídos de projeto e raiz, movendo a coletividade, instigando todo um processo de resgate de identidade de cada um e valorizando a sua terra. Neste sentido o ensino de Geografia pode direcionar o entendimento da categoria lugar, assim relacionando com o cotidiano do sujeito de forma que este estudo signifique a construção de valores, preservação e a valorização de sua identidade enquanto sujeito do campo, neste sentido é possível direcionar o sujeito ao pensar crítico, ter suas próprias opiniões e não somente o pensamento imposto por autores hegemônicos. Fazendo uma contraposição entre a lógica do capital globalizado que tende a englobar todos os lugares transformando os em espaços de reprodução do capital. Neste sentido segundo Straforini:

[...] Faltam-nos muito esses valores de identidade e pertencimento num mundo que se pretende homogêneo, mas que é contraditório e diverso tanto nas relações entre os homens, e destes com a natureza, assim como

no espaço que estamos construindo no cotidiano de nossas vidas. (STRAFORINI, 2004, p.18).

E por último a mística que é considerada para alguns a alma do movimento com uma grande importância, utilizando muito os símbolos e os sentimentos para transmitir o artifício da luta. Os símbolos passam um significado que “é inacessível, é epifania, ou seja, aparição do indizível, pelo e no significante” (DURAND, 1988, p. 14). A mística, sobretudo deve dar sentido para a luta de posse da terra, sendo, sobretudo um desafio pedagógico diante de um jovem ou uma criança que afirma ser um “Sem Terrinha”.

Nós crianças Sem Terrinha da Ciranda Infantil do Acampamento Nacional:

§ Queremos Terra para plantação, cuidar das plantas e jogar lixo o orgânico na terra;

§ Queremos Comida! Saúde e Escola. Queremos estudar em Escolas nos Acampamentos e Assentamentos;

§ Queremos um lugar que tenha horta, fogão a lenha, que possa fazer doce e queijo. Que a alimentação seja boa, que o lixo seja separado e que tenha uma boa limpeza;

§ Que coloque energia e água encanada nos Acampamentos e Assentamentos;

§ Não brigar nos Acampamentos, respeitar uns aos outros e os mais velhos;

§ Queremos Ciranda Infantil para brincar e ter um lugar para as crianças.

§ Queremos que tenha cachoeira para ir.

§ Queremos que nossos pais e mães dêem muito carinho pra gente – CRIANÇA!!!

“Brilha no céu

A estrela do CHE

Somos Sem Terrinha

Do MST” (MST, 22 de Março de 2014).

Este poema é um exemplo de onde trabalhar a Mística com os alunos, mostrando o sentido de luta pela terra.

A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO NAS CONCEPÇÕES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

O campo não se move sem a escola, no campo deve haver perspectivas de futuro para as pessoas que nele vive, por isso é necessário ter escolarização para todos os povos,

inclusive projetos de educação do Movimento para o desenvolvimento e a expansão dessas áreas e desses sujeitos. A escola base fundamental de qualquer pessoa, é capaz de desenvolver sujeitos que possam transformar toda uma história de sociedade, acarretando mudanças na realidade e na vida de muitas pessoas.

Segundo Arroyo et al (2008), os integrantes do MST geralmente não tem uma boa formação educacional de aprendizado, no saber de seus próprios direitos e suas autonomias em tomar decisões, não tinham a noção que a vida deles podia se tornar mais digna e transformada pela educação. E a escola no MST no passado, não tinha tanta força quanto tem hoje, e que foi se construindo na medida em que foram aparecendo diversos desafios nos assentamentos e nas próprias relações interpessoais dos assentados. Foi se assim aos poucos se inserindo a escola. As escolas do campo são feitas através dos povos do campo que, organizados em movimento são formados em busca dos próprios interesses desenvolvendo a Pedagogia do movimento, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da própria comunidade.

A Pedagogia do Movimento é vista como uma instituição pedagógica, com o intuito de formar sujeitos sociais do campo, que assumam as lutas por sua identidade. Assim que essas lutas sociais estão produzindo a indispensável e importante cultura do direito a escola no campo, na qual os seus sujeitos incorporam a visão de ter que sair do campo para prosseguir com a escola ou ter a escola para se retirar do campo. Onde os mesmos se veem como excluídos e pensam que para a permanência na área rural não é necessário à educação. Por isso o desenvolvimento de projetos para escola básica do campo e a necessidade da Pedagogia do Movimento estar viva entre a comunidade.

A Pedagogia contribui para o avanço da Caminhada dos Sem Terra, e mostra que sem o estudo o movimento não vai a lugar nenhum. A luta social pela Reforma Agrária só caminha se seus sujeitos de luta forem bem formados, que aprendam e conheçam a própria realidade do país, e saibam que a questão agrária é grande responsável pela desigualdade social do país, interpretando a realidade para exercer alguma mudança (ARROYO et al. 2008).

Muitos assentados que já passaram por algumas batalhas de acesso a terra, no qual não tiveram uma educação especial em sua formação, hoje desejam uma educação de mudança para seus filhos (Sem Terrinhas). Para que não sofram quanto seus pais sofreram, que saibam seus direitos e aprendam a organizar lutas, movimentos sociais acrescentando aprendizado aos mesmos, obtendo reflexões sobre suas vivencias, podendo então transformar suas realidades.

Vemos que a Educação do Campo é o resultado da luta do campesinato, bem como, um dos instrumentos de sua luta. Por isso, cumpre seu objetivo de formação educacional relacionada com os movimentos sociais, a fim de formar trabalhadores/moradores do campo comprometidos com as causas coletivas de nossa sociedade, que possam ser militantes dos movimentos sociais (CALDART, 2004, p. 13).

O MST como movimento sociocultural que forma o sujeito Sem Terra em sua trajetória histórica, esta presente na escola do campo, dando vida para a Pedagogia do Movimento, esta Pedagogia prepara-as pessoas do campo para a vida, para uma vida de conquistas, de batalhas, num processo de humanização das pessoas, levando consigo o sentimento de lutas e cooperação com a comunidade ao seu em torno, em busca de transformações sociais de cunho material e ideológico.

A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA ESCOLA ITINERANTE NOS DIAS ATUAIS

A profissão do professor nos dias de hoje, é uma profissão complicada por os mesmos terem grande sobrecarga de atividades, além de terem sua formação e seu próprio crescimento docente como sua responsabilidade. E o educador do campo, além disso, tudo como já foi mencionado deve ser indispensável que seja um morador da comunidade, na qual convive com os educandos diariamente e vivencia toda aquela realidade. Carecendo ser um educador especificamente capacitado com formação no Movimento. (CALDART, 2012).

No campo são poucos os trabalhos de pesquisas que envolvem o cotidiano da escola do campo. O campo configura-se, muitas vezes, como espaço isolado, imerso em indeterminações. Sendo de obrigação assim à elaboração de um projeto educacional pelos docentes que insiram os integrantes (trabalhadores) do movimento, para uma formação de alternativas de relações com o trabalho, relações do campo e cidade, a vida no campo, relações com o movimento, relações do homem e a natureza e na própria vida.

É necessário que haja uma educação que ampare os trabalhadores do campo seja num grupo social, cultural, para que rompa com a submissão às necessidades de reprodução do capital e das degradações a vida humana, ideias que predominam em locais de Reforma Agrária. Um dos grandes desafios do professor do campo é transformar a Pedagogia do Movimento em um projeto para educação das famílias, nas comunidades de acampamento e assentamento, implicando nas diversas visões e situações que envolvem o Sem Terra ou outros inseridos no movimento. (CALDART, 2012).

O trabalho do professor quanto atividade humana criadora mostra que não há formação de consciência fora da vivencia das relações sociais, e a educação não pode separar

nenhuma instrução de formação, permitindo o MST estabelecer o conceito de ambiente educativo. O educador não pode ser visto como a pessoa da Pedagogia, e sim do ambiente em que se encontra das relações de vida com o próprio ambiente, nos conflitos, e outras relações. Assim, percebemos que é fundamental a formação dos educadores do campo, é uma profissão que além de tudo precisa vontade, determinação e a capacidade do imprevisto para enfrentar e superar as desventuras causadas pela precariedade do acampamento e pedagógico.

Também é indispensável que o professor faça o planejamento de suas aulas estabelecendo objetivos que sejam vinculados de acordo com as práticas formativas do Sujeito Sem Terra, trabalhando com a ideia de integração coletiva, conhecimentos populares de sua realidade, e conhecimentos científicos com os mesmos. (CALDART, 2012).

Há uma necessidade de se repensar em projetos para formação de professores do campo nos cursos de Pedagogia da Terra, e a vinculação desses projetos com uma teoria educacional que tenha uma concepção de mundo ancorada em um projeto histórico. Os cursos de Pedagogia da Terra segundo Casagrande:

(...) desenvolvem uma proposta de formação de educadores do campo apoiados em um projeto histórico e projeto político pedagógico revolucionários, numa pedagogia centrada na ideia do coletivo, que realiza o vínculo orgânico entre educação escolar e trabalho produtivo e está articulada a um Movimento mais amplo de transformação social, com vínculo internacional (CASAGRANDE, 2007, p.7).

Para Casagrande as diretrizes dos cursos de Pedagogia da Terra são compreendidas como uma expressão dos princípios da teoria pedagógica socialista. Na Pedagogia da Terra é importante a compreensão de que contribuições dos educadores são importantes e muitas vezes devido a seus objetos de estudo, não aprofundam teoricamente a relação existente entre o projeto educativo proposto e defendido pelo MST para formação de educadores do campo e a orientação do Movimento de que todo o educador deve ser um militante (MST, 2005). Fundamental no objetivo nos cursos de Pedagogia da Terra que é formar os educadores e integrantes do movimento o vigor da teoria pedagógica de caráter revolucionário. Para Caldart (2012):

(...) os movimentos sociais esperam que um curso como esse possa preparar sujeitos capazes de coordenar processos de formação, mas também desencadeá-los, ainda que em situações desfavoráveis ou não organizadas com este objetivo principal. Por isso estes mesmos estudantes estão sendo formados também para serem militantes de organizações coletivas comprometidas com projetos de transformação social (p. 21).

Sendo assim a luta pela educação do campo traz a necessidade de uma luta por cursos de formação docente com qualidade e que tenha uma proposta político-pedagógica

com concepção de educação e de escola conforme seu dado projeto de transformação social. E nesta formação de docentes é preciso que o mesmo atue em espaços escolares como em espaços de educação junto com aqueles específicos da dinâmica de formação dos Movimentos Sociais (CALDART, 2012).

ESCOLA ITINERANTE: RESISTIR PARA EXISTIR

A princípio a escola Itinerante foi criada dentro do movimento Sem Terra com o intuito de atender o direito ao acesso à educação das crianças, jovens e adultos em situação de inerência, no momento em que estão acampados e lutam pela desapropriação de áreas improdutivas inocupadas, e pela implantação do assentamento. A expressão “Itinerante” vem da ideia de não fixo, ou seja, que é possível se movimentar, mudar de lugar, deslocar-se para exercer certa função. O Dicionário Luft (2000, p. 4004), faz menção a quem ou ao que “percorre itinerários, que não tem parada. Quando referido à pessoa, diz-se da pessoa que está sempre a viajar, a caminhar, um andarilho”.

A Itinerancia das escolas do campo esta relacionada com o movimento que os acampados fazem em busca de outra área para ocupar, causado pela expulsão ou mudança de acampamento. Representando, sobretudo um ritual pedagógico alternativo para práticas convencionais que a escola concebe como as mobilizações, marchas, congressos, cirandas, atividades pedagógicas no geral que representam todo um processo social e educacional.

As primeiras escolas Itinerantes dos Acampamentos do MST foram criadas no Rio Grande do Sul, seu reconhecimento legal ocorreu em 1996, e a partir daí se deu a expansão dessa experiência para outros estados. É muito mais que simplesmente uma escola comum, pois diferentemente é conquistada na luta dos trabalhadores em movimento e se ensina lutando. (CAMINI, 2009). Segundo Pistrak:

Lutar e Construir- isto deveria ser aprendido por cada um de nossos alunos; a escola deve explicar a cada um os objetivos da luta, contra o que lutar e por que meios, o que cada aluno deve criar e construir, e como (PISTRAK, 2000, p. 37).

Portanto, em uma escola do campo é fundamental o saber lutar e o saber construir, elementos essenciais para a formação dos integrantes de um movimento que esta susceptível a passar por transformações sociais. A escola é um instrumento que permanece sempre presente na vida e nas lembranças de muitas pessoas que passam pelo Movimento, na vivencia e na incorporação da realidade refletida. A maior dificuldade que a escola e o professor enfrentam no ensinamento é o local da pesquisa, pois os acampamentos e a Escola Itinerante não possuem um lugar geograficamente determinado e nem um tempo pré-

estabelecido, podendo ser transportado ou deslocado assim temporariamente para um novo acampamento ou assentamento, levando consigo sua estrutura física (móvel) e material pedagógico. (CAMINI, 2009).

A escola deve se destacar também no acampamento como uma prioridade, um símbolo de luta dos sujeitos do campo, recebendo assim um tratamento especial, que todos notem com uma projeção de destaque definida, carecendo ser exibida e não ignorada como produto de esforço dos moradores ali. Em sua construção, é interessante destacar que todos da comunidade se mobilizam para ajudar na edificação e acomodação do que passa a ser um símbolo de luta, mesmo sendo barracos de lona e de madeira. Para Takau Júnior:

Apesar das condições estruturais e físicas estarem longe do ideal, seus integrantes não reclamam das dificuldades e procuram exaltar os benefícios dela. A Escola Itinerante cumpre, de maneira satisfatória, o seu papel de educar. Como exemplo, não há abandono escolar, pois se matricula uma criança ou adolescente assim que eles chegam ao acampamento. A criança só para de estudar ali se os pais saírem do acampamento. (TAKAU JUNIOR, 2005, p. 59)

Apesar da construção frágil e simples, na medida em que os acampados ocupam a escola, os mesmos vão melhorando- a na criatividade e organização de instalações provisórias nas salas de aula e entre outros. O acampamento é um lugar do sonho, do conflito e da esperança, que dentre tantas outras dificuldades arrisca-se a aprender fazer a escola, a escola Itinerante que colaborará na garantia do acesso a escolarização e a assimilação de conhecimentos pelos sujeitos campo firmando a relação das famílias e a organização na comunidade, ampliando assim a consciência social e de classe dos acampados. (CAMINI, 2009).

Para a construção de uma escola itinerante é preciso à elaboração de uma proposta pedagógica que seja inovadora e traga expressões da realidade, do conflito, contexto social e entre outras, na qual são contradições que permitem uma ação pedagógica do professor que aproxima escola e o movimento social na realidade do acampado até a realidade do mundo ao seu entorno. Sendo considerados também outros elementos como o calendário escolar do campo, que não é o mesmo que o de uma escola pública comum do centro urbano, pois o mesmo trabalha de forma em que deve ser acompanhado junto ao ritmo do acampamento se adequando as diferentes mobilidades que pode passar.

A Escola Itinerante, contudo, não pode ser uma escola com um conhecimento deficiente e sim uma escola que garante o acesso aos conhecimentos que são produzidos historicamente, valorizando assim também os saberes dos sujeitos acampados partindo das imediações dos estudantes e da comunidade articulando-as junto ao movimento. Essa Escola promove além de uma educação à vida aberta na realidade, a auto-organização dos educandos

e a participação efetiva da comunidade acampada, tanto na construção material e estrutural, como no fazer pedagógico para todos. (CAMINI, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos que com os desafios que o movimento MST enfrenta nos dias de hoje, nas lutas sociais e batalhas no campo, em busca pelos seus direitos em busca de desenvolvimento e de transformações, a Pedagogia do Movimento contribuiu com isso para as concepções da educação do campo, levando para a escola os desafios de uma mudança social a ser feita.

E na Escola Itinerante surge à necessidade de se criar um projeto educacional específico para os sujeitos que ali estão inseridos. Ressaltando na mesma que o acampamento é um lugar do sonho, do conflito e da esperança, que dentre tantas outras dificuldades arrisque-se a aprender fazer a escola, a escola Itinerante que colaborará na garantia do acesso a escolarização e a assimilação de conhecimentos pelos sujeitos campo firmando a relação das famílias e a organização na comunidade, ampliando assim a consciência social, de classe dos acampados e suas relações.

Sendo indispensável à colaboração do professor na Escola Itinerante, pois está em sua responsabilidade a ação do educar sujeitos amoldados a fazerem transformações sociais. Precisando assim, ser pessoas da comunidade que esteja habituado àquela realidade, aquele tipo de vivência. Fazendo com que nas práticas escolares o Movimento permaneça sempre vivo, promovendo novas mudanças, no enfrentamento de lutas, e outras transformações sociais que farão com que o campo e a comunidade dos acampados evoluam e atinjam aquilo que tanto buscam.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel et al. **Por uma educação do campo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CALDART, Roseli Salete. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia M. S. A. de (Org.). **Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional: “Por Uma Educação do Campo”, 2004. P. 13-53. (Por uma Educação do Campo,5).

_____. Intencionalidades na formação de Educadores do Campo: reflexões desde a experiência do curso “Pedagogia da Terra da Via Campesina”. In: ANTUNES-ROCHA, M. I.; MARTINS, M. de F. A. **Territórios educativos na Educação do Campo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante: na fronteira de uma nova escola.** São Paulo, SP: Expressão Popular, 2009.

CASAGRANDE, N. **A pedagogia socialista e a formação do educador do campo no século XXI: as contribuições da Pedagogia da Terra.** 2007. 298f. Tese de (Doutorado)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRJ, Porto Alegre.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. **MST lutas e conquistas.** Disponível em: <<http://www.mst.org.br/semterrinha/carta-dos-sem-terrinha-pela-reforma-agr%C3%A1ria>> Acesso em: 22 mar. 2014.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho.** São Paulo: Expressão Popular, 2000.

LUFT, Celso Pedro. **Dicionário Escolar LUFT da Língua portuguesa.** Editora Ática. 2000.

STRAFORINI, Rafael. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais.** São Paulo: Annablume, 2004.

TAKAU JÚNIOR, Iokisa. **“Escola itinerante: escola, estado e MST no espaço do acampamento”.** 2005. 78 f. Monografia- Universidade de São